

**Vicissitudes, espasmos e banalidades diárias:
a crônica jornalística enquanto possibilidade de leitura do cotidiano**

Kelly Yshida (UFSC)

Neste artigo, visa-se apresentar uma discussão, ainda em processo, sobre as especificidades da crônica jornalística como uma literatura que se desenha nas páginas do jornal a partir do cotidiano e, assim, enquanto objeto de pesquisa histórica. O intuito da reflexão acerca da crônica é visto de forma abrangente, mesmo sabendo que grande parte da produção bibliográfica se atém à análise de obras machadianas ou, ainda, de outros autores consagrados como Lima Barreto.

Enquanto gênero literário possibilita a compreensão do cotidiano: pautado por relações entre atores sociais, seus sentimentos, entendimentos do mundo e manejos com as dificuldades e benefícios do dia-a-dia, em geral, urbano. As crônicas jornalísticas, compostas pela perspectiva do “simples rés-do-chão” ou das “cousas miúdas”, são objetos ricos em detalhes da vida comum e possibilitam - assim como outras formas literárias - percepções sobre o contexto em que são produzidas.

Estes textos, direcionados para leitores do jornal, buscam proximidade com os acontecimentos muitas vezes banais, o que não os torna pouco relevantes. Lourenço Diaféria – cronista da *Folha de São Paulo* até 1980 -, por exemplo, considerava que “as coisas banais não significam coisas desimportantes. São apenas coisas que nunca chegam às manchetes da imprensa e ao horário nobre da televisão” (1988, p. 12). Diante deste objeto é válido, para a pesquisa histórica, problematizar seu caráter específico: enquanto narrativa ficcional e leitura do cotidiano, presente em uma mídia de constante atualização, com grande circularidade e implicações políticas e sociais.

A crônica se configura de forma bastante peculiar no país, desde a época dos folhetins. Provém de uma trajetória junto à consolidação da imprensa, moldando-se ao leitor e ao cenário nacional. De acordo com Antônio Candido, ela inicia quando o

jornal se torna cotidiano, de tiragem relativamente grande e acessível; podendo até ser considerada um gênero “brasileiro”, pela naturalidade e originalidade com que se desenvolveu no país. No início, enquanto folhetim, era composta por artigos de rodapé sobre temas políticos, sociais, artísticos, até se tornar a crônica propriamente dita. Ou seja, o jornal substituiu o romance por algo mais leve e mais digerível, com um tom ligeiro, capaz de mobilizar emoções com leituras sobre o dia-a-dia.

Nesse caminho a crônica foi se moldando, adquirindo expressões como o humor, a sátira e a crítica social. A linguagem se tornou mais leve, aproximando-se mais da literatura que da questão argumentativa do jornalismo. Para o *Candido*, isto caracteriza uma forma de amadurecimento, um encontro do gênero consigo mesmo. Nomes importantes da literatura brasileira passaram por jornais através deste tipo de publicação e desenharam as balizas as quais ela segue: “Machado de Assis, José de Alencar, o próprio Olavo Bilac perceberam que se tratava de buscar um espaço para a crônica, no qual ela pudesse ser o que de fato todos queriam que ela fosse: livre.” (CARDOSO, 2008, p. 25).

Em meio às considerações dos que a produzem, o crítico literário Antônio Dimas fala da hostilidade em relação à crônica e apresenta que esta, muitas vezes, tem valorização diferenciada das outras literaturas por seus próprios escritores, descreve que:

Alencar denominava sua coluna de “Páginas menores”; Machado considerava o gênero como “união do útil e do fútil”; Bilac, segundo Eloy Pontes, tremia diante da possibilidade de ter seu material jornalístico revisitado um dia; Carlinhos de Oliveira, antes de desligar o telefone, deixou bem claro para José Marcio Mendonça que “nada tenho a ver com a crônica”; Clarice Lispector evadiu-se: “Crônica? Não faço. Conto histórias.” (1974, p.47)

De acordo com o autor, o desdém é recorrente, principalmente, pela vinculação financeira do texto e pela brevidade de seu suporte. Assim, escrever para jornais é uma fonte de renda, a produção deste gênero parece estar ligada mais a uma necessidade do que a uma erudição. Esta valorização negativa não a torna menos interessante enquanto objeto de reflexão histórica, pelo contrário, exalta suas especificidades e potencialidades. Seu caráter de grande proximidade

do público, do mercado, das redes de informação, faz da crônica um gênero que deve ser pensado tanto como uma ficção sobre banalidades e vicissitudes diárias quanto como um objeto com notória relevância para a análise de contextos e relações diversas.

De acordo com Antônio Cândido, o status diferente em relação às demais literaturas não é um problema, mas faz parte da função que se propõe:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Premio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

“Graças a Deus”, -- seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. [...] Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. (1992, p.13)

Essa simplicidade estabelece a aproximação com o público, que se dá em grande parte pela linguagem e pela acessibilidade da narrativa. Neste sentido, no trabalho do cronista há a proposta de diálogo quase que íntimo com o leitor, uma certa comunhão, como se refere o crítico.

A crônica parece atuar num constante movimento entre a rememoração do passado e o apego ao presente sob a exposta ótica e a reflexão do escritor. A simplicidade não a torna vaga e é neste ponto que se estabelece o que podemos considerar como sua especialidade, de acordo com Cândido, “aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas” (1992, p.19).

Faz refletir o instante vivido, as ocorrências cotidianas. Este gênero literário tem também sua própria relação com o tempo, Braudel o apresenta como exemplo característico do evento, da curta duração:

o tempo curto, à medida dos indivíduos, da vida cotidiana, de nossas ilusões, de nossas rápidas tomadas de consciência – o tempo, por excelência, do cronista, do jornalista. Ora, notemo-lo, crônica ou jornal fornecem, ao lado dos grandes acontecimentos, ditos históricos, os medíocres acidentes da vida ordinária: um incêndio, uma catástrofe

ferroviária, o preço do trigo, um crime, uma representação teatral, uma inundação. Assim, cada um compreenderá que haja um tempo curto de todas as formas de vida, econômica, social, literária, [...] (1978, p.45)

Diante de tais particularidades, que caracteriza o tempo curto, cabe à análise historiográfica perceber seu entorno e considerar sua inserção nos meios em que participa. A crônica é uma narrativa factual sob o tom de depoimento, representa os fatos através das palavras de seu narrador. Além disso, vincula-se ao tempo curto pela brevidade da escrita, que coage o autor a uma elaboração rápida para o jornal do dia seguinte. Efêmeros, breves, parciais e para o consumo rápido, estes textos carregam a urgência do presente.

A crônica retrata, por excelência, a vida cotidiana. Onde se inserem todos os homens, sejam quais forem suas atividades: na vida privada, nos lazeres, nas atividades sociais, no trabalho. De acordo com Agnes Heller, o indivíduo participa da cotidianidade com todas suas capacidades intelectuais, sentimentos, paixões, ideias, sentidos; ele é atuante e receptivo, embora nunca realize suas potencialidades com máxima intensidade neste meio. É no cotidiano que se assimila e se desenvolvem as habilidades imprescindíveis para as relações sociais.

A literatura pode não ter compromisso com a realidade histórica, porém para a crônica é diferente, afinal seu “motor de arranque é o cotidiano” (DIMAS, 1974, p.49). A vida cotidiana é, acima de tudo, espontânea. Espontânea no sentido da regularidade das ações com suas motivações efêmeras. O homem atua em probabilidades, nela não é possível calcular, com certeza, a consequência das ações. O cotidiano é particular e genérico, heterogêneo e não previsível, é espaço privilegiado da vida comum, onde questões políticas, sociais, econômicas, transitam de forma agregada aos sabores e dissabores do dia-a-dia.

Nesse sentido, a importância do cotidiano é que nele se forma a consciência coletiva, onde os indivíduos desenvolvem as noções de si e da relação com a comunidade. É nele que se encontra o embate de moral e de valores. Mesmo sem haver uma distinção visível entre o cotidiano e o não cotidiano, as escolhas passionais tendem a fugir da cotidianidade, devido à intensidade que se processam. Entretanto, uma vez rotineiras, as ações tornam-se parte deste momento diário que exige diversas capacidades. Embora a arte e a ciência estejam acima disto, como

afirma Agnes Heller, artistas e cientistas estão inseridos nestas vivências, os efeitos de suas obras sobrevivem no cotidiano e podem retratá-lo, assim como fazem os cronistas. A vivência do homem comum no cotidiano é o objeto no qual se foca o olhar destes escritores, por isso relaciona-se, como dito anteriormente, com a efemeridade da curta duração.

Ao tomarmos como pressuposto teórico o materialismo cultural de Raymond Williams para a análise das crônicas, passamos a perceber o texto literário enquanto objeto de investigação que se relaciona e representa o contexto em que foi produzido. Faz parte da cultura vista enquanto “ordinária”, comum, presente em diversas práticas cotidianas, sendo expressão das diversas dimensões da vida e associada a diferentes realidades. Ela não é estática, abrange necessidades e expectativas decorrentes de determinado momento histórico. E, vinculada à vida material, se apresenta evidente nas contradições e relações estabelecidas a partir da experiência vivida.

Nesta perspectiva, o texto literário não é visto apenas como iniciativa do autor nem somente fruto de processos históricos dentro dos quais artistas e obras estão sempre necessariamente imbricados, mas como forma constituída pelos dois aspectos. Ao historicizar a obra literária, busca-se percebê-la na sociedade e investigar as redes nas quais se insere, perceber como constrói e representa a sua relação com a realidade social e assim compreendê-la enquanto testemunho de seu tempo.

Para isto, cabe ater-se na perspectiva de um quadro mais abrangente, percebendo a ampliação das relações que estabelece. E assim, inserir a crônica em debates que vão além do texto jornalístico em si, mas que os permeiam e possibilitam compreender como se desenhou a experiência da vida cotidiana retratada. Porém, é importante reiterar que a crônica não tem pretensões duradouras, por seu veículo ser transitório, ela não é alvo da maioria dos autores que visam permanecer nas admirações da posteridade.

Sabe-se que, na análise historiográfica, as obras literárias não devem ser tomadas como descrições fiéis ou neutras da realidade e sim como produtos das relações do autor com o meio. Se é a partir da interação com os demais e com a

inserção na sociedade que cada um se constitui, as obras literárias estão sempre imersas nestas relações, afinal o escritor depende das possibilidades do momento que vivencia. A concepção de mundo se forma através do processo social de interação entre sujeitos.

Compartilhando da noção de que a cultura abrange toda a experiência social - sem colocá-la em sentidos mais restritos de erudição ou outras formas de segregação – ela passa a ser vista como parte intrínseca da sociedade em suas diversas expressões, buscando não cooptar com hierarquizações que pretendem sobrepor ou julgar enquanto mais ou menos legítimos determinados personagens ou grupos sociais e suas produções. A crônica, sendo uma literatura de fácil acesso, especialmente por circular com o jornal, se torna uma categoria relevante para perceber interações sociais, expressões afetivas, leituras das realidades do cotidiano. A cultura, deste modo, é vista enquanto processo e atenta às necessidades e expectativas da sociedade e não se distancia da vida material. A literatura é, assim, uma prática cultural, produzindo significados, sendo formada e atuando na sociedade.

Sendo assim, a crônica jornalística, uma vez pautada pelo cotidiano e pelas manchetes de jornal, deve ser analisada também na medida de seu diálogo com o meio em que é produzida. Há uma expectativa em relação ao suporte que anseia vendagem e visibilidade, o texto ficcional se coloca, assim, entremeado no jornalismo e na literatura. Embora a função da linguagem nos dois campos seja distinto, vale evidenciar que tais publicações são inseridas em um meio de comunicação empresarial, objeto de consumo. Por isso, veiculam-se largamente, sendo lidos por um grande público e tendem a se relacionar com as diversas ocorrências da vida comum.

Utilizando-se de poucos personagens, em um texto com o espaço delimitado de uma coluna de jornal, o evento narrado quase sempre começa próximo ao seu desfecho: o clímax, em geral, é o ponto de partida. Entre indivíduos e situações criadas pelo autor, a narrativa rápida, agradável e, aparentemente, despreziosa, parece dar excepcionalidade às cenas e cenários comuns em busca de diálogo com aqueles que lêem. Embora tais obras sejam produtos das relações do autor, elas

contam também com as implicações de seu caráter bastante opinativo em um veículo de informação importante na consolidação da opinião pública: a mídia impressa.

Esta faz parte dos embates e do imaginário de uma época e, por isso, torna-se relevante não apenas como um veículo de difusão de informações. A divulgação diária de informações pode ser lida e atua de acordo com interesses que vão além da exposição da notícia ou de manipulações do poder vigente. O jornal atua no campo político e não apenas sob ordem de determinadas elites, mas age, diversas vezes, de maneira autônoma politicamente.

De acordo com o cientista político Luis Felipe Miguel (2000), em sociedades formalmente democráticas há a divisão entre a política de bastidores, feita nos gabinetes e que consiste na tomada das grandes decisões, e o palco, onde se distrai a platéia, em que é apresentado o mito da democracia e assim se mantém a estabilidade do sistema. Em nossa sociedade, a mídia serve como este palco, o espaço que se coloca diante do público. Contudo, esta ideia não implica em considerar sua atuação como manipulação e nem mesmo pensar em uma passividade das massas. Ela tem o poder de ser produtora de porta vozes e de reafirmação de posições. Assim, como palco, a mídia tende a ser instrumentalizada pelo grupo que se encontra no poder, ao mesmo tempo em que assume ser um forte meio de conquista dele, tendo em vista que é capaz de ir ao encontro da adesão popular, mas age também de acordo com interesses próprios.

O campo político mantém importantes intersecções com o campo jornalístico. O jornal além de organizar os acontecimentos para a compreensão do público, faz serem vistos e faz crer quem são os porta-vozes relevantes, conferindo-lhes legitimidade ou não. A mídia atua no sentido de disputar a narrativa que organiza os posicionamentos de personagens e os eventos no campo político, quase que simultaneamente ao momento que ocorrem. Os textos presentes no jornal, desde as notícias até as crônicas, mesmo efêmeros, ordenam a compreensão dos acontecimentos e dão sentido a uma gama de informações fragmentadas. Agem desenhando fatos e mobilizam determinada compreensão que, por ser acessível,

interfere no desfecho dos eventos e na memória que se constrói sobre eles. Daí a relevância de compreender um gênero literário que se insere neste meio.

Há uma relativa convergência de interesses entre jornalistas e historiadores. Relativa porque, num primeiro momento, o interesse de jornalistas é a atuação no tempo em que o evento ocorre e não a reflexão sobre ele, pois o imediato contribui para o *status* de veracidade. Como faz pensar a historiadora Beatriz Kushnir (2004, p.58), estas categorias se aproximam nas temáticas e não nos métodos. Porém, há algo além da inscrição imparcial da notícia, para a autora muitas vezes o jornalista busca construir um olhar crítico sobre o presente, sobre os acontecimentos, e assim visa fazer uma “história do imediato”. É aqui que se insere visivelmente a crônica, no sentido de que a produção para o jornal consiste em “relatos sobre o tempo vivido”, que “são sempre uma construção biográfica de uma temporalidade, diferente do olhar que um historiador poderá ou não erguer sobre aquele momento.” (p.59).

Na condição de fonte histórica, a imprensa permite acessar visões mais ou menos aceitas e difundidas na época sobre os acontecimentos e processos mais relevantes. Cabe aqui percebê-los, de acordo com a denominação de Tânia Regina de Luca, como “enciclopédias do cotidiano” onde se encontram “registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões.” (2006, p.112). O discurso jornalístico é tanto uma prática social produtora de sentidos como também veicula várias vozes constitutivas do imaginário social, ele capta e transforma acontecimentos e opiniões sobre a atualidade, processando o presente e legitimando uma determinada leitura dele para se tornar passado. Ou seja, a imprensa não é simplesmente reprodutora e difusora de linguagens e informações, é atuante na medida em que também cria, reafirma e produz sentidos dentro das possíveis interpretações dos acontecimentos.

Emerge também a preocupação com a escrita, ou seja, analisar um texto literário - escrevendo sem a liberdade criativa do literato - sem negligenciar a importância da retórica no trabalho historiográfico. Toda história é narrativa, porém, diferente da ficção, se baseia em documentos e não permite elaborações ao gosto do autor, a história lida com provas e busca da veracidade, com dados que vão de encontro à verdade ontológica que não muda ao sabor da narrativa. Ela se difere da

literatura ou do cinema, por exemplo, que se permitem acolher apenas uma versão. O verdadeiro e verossímil, as provas e as possibilidades, não se misturam, elas podem dialogar, mas serão sempre categorias distintas.

A busca por uma proximidade do passado através da análise documental, com cuidados metodológicos e responsabilidades de quem lida com o vivido, não implica em deixar a escrita em segundo plano. Pois, mesmo acreditando que a narrativa não mude o passado, o modo como apresentá-lo se aproxima ou se distancia de formas coerentes e responsáveis com o ocorrido; afinal, ao tratar de indivíduos reais, assume-se uma responsabilidade social no trabalho do historiador. Por outro lado, a narrativa é de grande importância na capacidade de sedução do leitor, a escrita é assim, para o historiador, uma de suas ferramentas de maior importância, a qual ele deve estar sempre atento, polindo, manejando com suas devidas atenções. Conhecer e reconhecer suas próprias intenções possibilita um posicionamento coerente com as perspectivas que assume para seu trabalho diante da escrita de seu texto.

O texto, mesmo fictício, revela conflitos. Tratar historiograficamente da trajetória de um indivíduo e de obras literárias que carregam responsabilidades com seu tempo reitera a importância de refletir sobre como, o que e sob qual viés narrar. Não nos cabe o papel de militantes buscando enfatizar defesas de determinadas posições e ações políticas, tampouco a de juízes para absolver ou condenar. Mas sim ter acuidade para estabelecer perguntas adequadas e relações entre o contexto e as fontes. Compete a nós conceber que há um passado decorrido, com indivíduos que tiveram alegrias e tristezas, onde os percalços e louvores do cotidiano foram vividos e onde as lutas foram diariamente postas por condições melhores de sobrevivência, de expressão, de trabalho, de conforto. E que estas condições foram avaliadas pelos contemporâneos de acordo com seus próprios referenciais, concepções de mundo totalmente imersas no seu tempo.

Assim, o cronista observa, um olhar semelhante ao do jornalista investigativo, mas insere sua temática em acontecimentos corriqueiros, discutidos de forma sutil com aspectos mais abrangentes. A crônica é como uma lupa que se sobrepõe ao cenário e faz o registro de um momento do cotidiano, de forma opinativa e rica em

10.4025/6cih.pphuem.592

detalhes, para ela basta uma situação, um instante. Ao invés de se apegar a um cenário grandioso, com linguagem rebuscada e descrições longas, atem-se a uma escala menor e faz dela seu objeto de grande valia, onde emergem vivências, emoções e singularidades.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007
- CANDIDO, Antônio. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa 1992
- CARDOSO, Joselina Alves. *Crônica literária no jornal: História, Estrutura e Funcionamento*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Literatura e Crítica Literária, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda,. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP 2005.
- DIAFÉRIA, Lourenço. *A longa busca da comodidade*. 1988
- DIMAS, Antônio. “Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo?”. *Revista Littera*. RJ, n. 12 – Ano IV - set/dez 1974. (pp. 46-51).
- MIGUEL, Luis Felipe. Retrato de uma ausência: a mídia nos relatos da história política do Brasil. *Revista Brasileira de História* São Paulo, v. 20, nº 39, p. 190-199. 2000
- HELLER, Agnes . *O cotidiano e a história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org). *Fontes históricas*. 2 a ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelle. *Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1993.

THOMPSON, E. P. "Intervalo: a lógica histórica" In: *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, E. P. "Introdução: costume e cultura". In: *Costumes em Comum*. São Paulo. Cia. das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. "Culture is ordinary" In: Gable, Robin (ed.). *Resources of hope*. London. Verso, 1989.